

CHINA: O DESPERTAR DO DRAGÃO

Luiz Roberto Prandi*

Heiji Tanaka*

Adriana de Carvalho dos Santos Sanches**

Claudenir de Fátima Piva**

Daniela Farias**

Leila Luiza Gutierre**

PRANDI, L. R.; TANAKA, H.; SANCHES, A. C. S.; PIVA, C. F.; GUTIERRE, L. L. China: O despertar do dragão. *Akrópolis*, v. 14, n. 3 e 4: 153-158, 2006.

RESUMO: O presente artigo tem como objetivo analisar os principais fatos da história recente da China, a fim de compreender a Revolução Chinesa e a sua peculiaridade frente ao marxismo clássico. Analisando o processo de transformação ocorrido no país que culminou no seu atual desenvolvimento econômico, projetando-o como uma potência mundial, pontuando suas contradições.

PALAVRAS-CHAVE: Revolução chinesa. Socialismo. Revolução cultural.

CHINA: THE DRAGON AWAKENING

ABSTRACT: This article aims at analyzing the main factors of the Chinese early history in order to understand the Chinese Revolution as well as its peculiarities in relation to Classic Marxism by analyzing its transformation process which ended up in its current economic development, thus projecting it as a world power, and remarking its contradictions.

KEYWORDS: Chinese revolution. Socialism. Cultural revolution.

Introdução

No século XX as pessoas assistiram a duas grandes guerras mundiais onde as nações tentaram obter uma posição privilegiada dentro do sistema capitalista expandido seus domínios. Segundo o historiador Eric Hobsbawen, foi a *Era da Guerra Total*

(Hobsbawen, 1995), todas as nações lutando umas contra as outras, culminando em uma nova divisão do mapa mundi e na luta ideológica entre dois sistemas de governo: socialismo e capitalismo. Depois de séculos de expansão do capitalismo, justamente quando o sistema completou sua mundialização, foi contestado pelo socialismo, que propunha uma nova forma de organização política, econômica e social.

O ideal socialista afetou o mundo inteiro e inspirou inúmeras revoluções. Uma de suas principais bandeiras foi a luta contra o imperialismo. Muitas nações lançaram-se em campanhas revolucionárias para se libertarem do domínio estrangeiro. Foi o caso da China, que empreendeu uma longa batalha de libertação e construção de uma nova sociedade.

Suas várias experiências políticas e sociais como a ruptura com a monarquia tradicional, os ciclos revolucionários, a revolução republicana, a guerra civil, a implantação da República Popular, a euforia do Grande Salto para Frente e o radicalismo da Revolução Cultural, entre outras, acabaram por canalizar o

país na edificação de uma economia e uma política radicalmente nova. Seus complicados experimentos e conflitos promoveram realizações, mas ao mesmo tempo, imensos sofrimentos para o povo chinês, levando milhões de pessoas a perderem a vida violentamente.

O impulso anti-imperialista e o ideal nacionalista

“... De que país a China é colônia? É colônia de cada país com quem firmou um tratado, e todos os países que têm um tratado com a China são seus donos. Assim, a China não é somente escrava de uma nação e sim escrava e colônia de todas as nações.” (Sun Yat-Sem)

Até meados do século XX, a China era conhecida como “o homem doente da Ásia”, devido a sua inferioridade econômica, social e política que fazia do país alvo favorito das grandes potências imperialistas. A dinastia Manchu exercia um domínio autoritário no país, mergulhada na defesa de seus privilégios, rigidez burocrática e imobilismo social. Um dos maiores problemas da administração dos imperadores chineses era a abertura que davam, seguida de vantagens econômicas aos europeus. A hospitalidade dos Manchu abriu caminho a vários países, a começar pela Inglaterra que obrigava o país a importar ópio.

Um dos episódios que mais marcou a influência ocidental sobre a China foi, sem dúvida, a Guerra

*Professores da UNIPAR

**Acadêmicos do curso de História da UNIPAR

do Ópio (1839-1842). Devido aos nocivos efeitos desta droga sob o povo chinês, o imperador mandou confiscar todas as caixas de ópio contrabandeado e prender os traficantes. A Inglaterra reagiu, e devido a sua superioridade tecnológica e militar, forçou o imperador à rendição. Inferiorizados tecnicamente, o imperador aceitou assinar o humilhante Tratado de Nanquim em 1842, que obrigava a China a abrir cinco dos seus portos em caráter permanente, assim como ceder Hong-Kong aos comerciantes ingleses.

O sucesso desta empreitada da Inglaterra serviu de estímulo para que as demais nações colonialistas assaltassem o litoral chinês. No final da terceira guerra do ópio (1858), o país havia aberto mais onze portos aos ocidentais.

A Guerra do Ópio e a abertura do país ao comércio ocidental causaram danos em toda a sociedade, o impacto se fez sentir desde os artesãos até os camponeses, que se viram oprimidos pelos imperadores que precisavam pagar pelas mercadorias importadas. Em protesto a “*política de portas abertas*” e a capitulação Manchu, vários movimentos deflagraram-se no país refletindo um clima social explosivo. O primeiro deles teve um cunho messiânico, a Revolução Taiping, que pretendia fundar no país o Reino Celestial da Grande Paz, onde prevaleceria a igualdade e a paz para camponeses e operários. Nota-se que o messianismo, de cunho cristão, se manifesta nos momentos de crise. É comum a sociedade se apegar a valores espirituais na tentativa de encontrar a solução dos seus problemas. Mesmo na China, um país embebido pelo Taoísmo e Confucionismo, não foi diferente, até o cristianismo havia penetrado no país e se misturado à religião oficial.

A revolta dos Taiping marcou profundamente a história chinesa e inspirou um ciclo de revoluções que marcaram o país nos anos seguintes. Dentre elas, podemos mencionar a Reforma dos Cem Dias, que pretendia imprimir a modernização na administração imperial e a Revolução dos Boxers, cujo caráter era xenófobo e violento, tendo como objetivo principal, eliminar os estrangeiros do país. Tanto a Reforma dos Cem dias quanto a Revolução dos Boxers, foram tentativas de uma solução imperial e conservadora para a crise chinesa, porém, ambas não tiveram êxito.

Logo o ideal revolucionário republicano ganhou terreno e se espalhou pelo país. Um novo sentimento nasce no povo chinês: o nacionalismo, e este começa a mudar os rumos da sua história. Em 1911, nacionalistas chineses, liderados por Sun Yat-Sem, chefiam uma revolta que derrubou o imperador e proclamou a República. Sun Yat-Sem foi o fundador do Kuomintang - O Partido Nacionalista. Ele sonhava com um Estado democrático, que estimulasse a modernização econômica da China. Porém, Sun Yat-

Sem não dispunha de um exército capaz de assegurar as conquistas revolucionárias e seu sonho nacionalista foi esmagado por uma série de arbitrariedades do chefe militar Yuan Shikai, obrigando-a se afastar do país.

Em quatro de Maio de 1919 explode uma fervorosa manifestação estudantil contra o imperialismo e o feudalismo chinês, cujo ponto alto foi a rendição do governo chinês frente ao Tratado de Versalhes, que não conseguiu de volta os territórios conquistados pelo Japão, Inglaterra e França na 1ª Guerra Mundial. Esta manifestação trouxe Sun Yat-Sem ao poder novamente.

O movimento de Quatro de Maio foi também conhecido como Movimento da Nova Cultura e se tornou o estopim que faltava para desencadear a Revolução Chinesa. A fundação do Partido Comunista da China (PCC) foi consequência direta do Movimento Quatro de Maio e é nela que entra em cena a figura de Mao Tsé-Tung.

Seus integrantes se tornariam, mais adiante, os principais opositores do Kuomintang (Partido Nacionalista). O problema entre nacionalistas e comunistas começou com a morte de Sun Yat-Sem e a ascensão de Chiang Kai-Chek ao poder. Em abril de 1927, Kai-Chek rebelou -se contra os comunistas, assassinando muitos de seus líderes.

A revolução sonhada por Sun Yat-Sem só veio através do PCC (Partido Comunista Chinês) liderado por Mao Tsé-Tung que assumiu o poder em 1949, proclamando a República Popular da China.

A Revolução Chinesa: seu caráter nacional e camponês

Diferentemente do caráter proletário e internacional do comunismo russo, a Revolução Chinesa foi essencialmente nacionalista e camponesa, pois mais da metade da sua população era rural. Os comunistas chineses ou maoístas, adaptaram o marxismo às circunstâncias de uma nação de camponeses humilhada pelas potências coloniais. “*O que contava era a procura, dentro do mundo ocidental, de um filão de pensamento revolucionário que pudesse ser utilizado pelos rebeldes chineses*”. (SADER, Eder, 1982, pg 8). O socialismo chinês pregava que as modificações sociais e econômicas seriam desenvolvidas pelo Estado, guiado por um partido organizado, centralizado, dotado de uma ideologia de mobilização e decidido a vencer o inimigo interno e externo. Esse ideal socialista teve influência leninista e se inspirou na experiência soviética. Essa prioridade nacionalista e antiimperialista, assim como sua vontade de modernidade assimilada ao modelo ocidental, pressupunham um pragmatismo bastante distante da ideologia comunista.

Os bolcheviques apoiavam-se na classe proletária urbana russa, não tinham nenhuma ligação expressiva com os camponeses, enquanto os maoístas possuíam estreitas raízes com o campo. Tanto que, segundo Daniel Aarão Reis Filho (1982), a URSS e os EUA não reconheceram de imediato a proclamação da República Popular da China em Outubro de 1949.

Após o rompimento entre nacionalistas e comunistas, que num primeiro momento congregavam o ideal revolucionário, originou uma guerra civil no país que durou 27 anos. A guerra civil entre nacionalistas e comunistas obrigou Mao e seu Exército Vermelho a bater em retirada. Iniciou-se então, o que ficou conhecido como a Longa Marcha.

Fugindo dos ataques dos nacionalistas, os comunistas percorreram de outubro de 1934 a outubro de 1935, dez mil quilômetros a pé atravessando o interior do país em busca de um refúgio permanente. No trajeto, enfrentaram todos os tipos de dificuldades: fome, frio, doenças, cansaço. Apenas oito mil homens, dos 80 mil que partiram no início da Marcha, sobreviveram.

Este episódio marcou a história chinesa pelo seu efeito notável, não só pelo caráter militar, mas, sobretudo pelas conseqüências políticas que causou. A Longa Marcha projetou definitivamente a figura de Mao como o grande líder revolucionário nacionalista, e não apenas um seguidor dos soviéticos. Garantiu também a sobrevivência do movimento comunista na China, envolvendo-o em uma aura de invencibilidade aos olhos da população rural.

O pensamento político de Mao Tsé-Tung

“Para compreender o significado do pensamento de Mao Tsé-tung, é necessário ver como ele reformula os problemas colocados pela sociedade chinesa ao mesmo tempo em que reformula a teoria marxista que lhe serve de instrumento”. (SADER, Eder, 1981, p8)

Pode-se considerar que o marxismo, que para os seus fundadores era uma doutrina materialista, para Mao se transformou em idealismo radical. Ele habilmente aliou o sentimento e a necessidade nacionalista ao conceito de lutas de classe e ideal de revolução socialista. Para ele, a revolução viria da classe camponesa e não do proletariado. Acreditava ele:

“Dentro de pouco tempo, centenas de milhões de camponeses das províncias do centro, do sul e do norte da China se levantarão como uma tempestade, um furacão, como uma força impetuosa e violenta que nada, por poderoso que seja, os poderá deter. Romperão com as amarras e se lançarão pelo caminho da liberdade. Sepultarão a todos os

imperialistas, caudilhos militares, funcionários corruptos e déspotas locais. Todos os partidos e camaradas revolucionários serão submetidos a prova perante os camponeses e terão que decidir de que lado se colocam (...)” (SADER, Eder, 1981, p 38)

Mao Tsé-tung foi considerado um dos grandes estrategistas do mundo e ocupa um lugar especial na teoria marxista. Tanto que imprimiu uma denominação personalista dentro do comunismo - o maoísmo.

O maoísmo pretendia não só impedir a contra-revolução eliminando a estrutura institucional do capitalismo como o marxismo clássico, mas sim, mudar o pensamento do homem. Devia-se demolir quaisquer vestígios de pensamento capitalista da sociedade, na tentativa de alcançar uma conformidade intelectual e espiritual genuína no homem chinês.

Para tanto, Mao lançou o Livro Vermelho do Comunismo, uma espécie de manual do comunismo que se transformou na “bíblia” dos chineses e empreendeu um regime totalitário no país com aspirações megalomânicas, levando a experiências bizarras e vitimando toda população.

A China Comunista

O comunismo na China, sob a administração de Mao Tsé-tung, teve um caráter totalitário, cujos projetos se mostraram catastróficos para a sociedade. Dois grandes movimentos ficaram marcados na história chinesa e conhecidos no mundo todo como símbolos do insucesso da imposição socialista. Foram eles: “O Grande Salto para Frente” e a “Revolução Cultural”.

Em 1958 foi aprovado o “Grande Salto para Frente”, plano de metas que almejava acelerar o crescimento econômico do país, mostrando ao mundo que a China havia encontrado uma maneira de compensar o atraso econômico e tecnológico e alcançar os países industrializados antes dos russos.

A meta era, através da mobilização popular, ultrapassar em quinze anos, a produção britânica de carvão e aço. Operários e estudantes foram enviados ao campo para integrar-se ao campesinato. A população foi obrigada a produzir aço em pequenos altos-fornos domésticos e a plantar em todos os lugares possíveis.

Um relato extraído do livro de Jung Chang nos dá claramente a proporção do que o Grande Salto Adiante exigia dos chineses:

“Todo dia, na ida e na volta da escola, eu apurava os olhos sobre cada centímetro do chão, em busca de pregos quebrados, parafusos enferrujados e quaisquer outros objetos de metal enfiados na lama entre as pedras. Destinavam-se a alimentar os altos-fornos para produzir aço, que era minha

grande ocupação. [...] aos seis anos”. (CHANG, Jung, 1994, p 203)

O objetivo não era apenas aumentar a produtividade, mas sim realizar o ideal comunista do “homem novo” vivendo em comunas. Milhares de cooperativas foram criadas neste período, porém, logo veio a realidade. Para alimentar os alto-fornos espalhados pelo país, florestas foram derrubadas. Muitos camponeses tiveram que derreter seus próprios instrumentos de trabalho para cumprir as cotas de produção de aço. Tudo isso, por quase nada, pois a produção se revelou de baixa qualidade.

Segundo Eder Sader, as metas irrealistas e as disposições voluntaristas de Mao para atingi-las levaram-no ao fracasso dos objetivos pretendidos pelo “Grande Salto”, fazendo-o reconhecer seus erros em uma Conferência do Partido Comunista em 1959.

Mas o fracasso não desencorajou Mao, não satisfeito com a derrota de seu projeto e temendo uma “restauração burguesa”, principalmente dentro do próprio partido, Mao em 1966, lança e faz aprovar um plano de educação socialista ao qual se dedica arduamente. Essa nova empreitada recrutou jovens urbanos para a *Guarda Vermelha* a fim de realizarem o que oficialmente foi rotulado de *Grande Revolução Cultural Proletária*.

Tratava-se do que se pode chamar de uma forte ideologização da cultura, cujo principal alvo eram os intelectuais e os funcionários do partido que ele acreditava estarem traíndo os ideais da revolução socialista.

A Revolução Cultural alastrou-se pelo país como uma espécie de vírus revolucionário. Militantes ultra fanáticos do partido, munidos do “*Livrinho Vermelho*” lançaram-se à caça de tudo que consideravam direitistas. Históricos e dispostos a um radicalismo sem limites, os guardas vermelhos percorriam o país atacando tudo o que consideravam como desvios e exemplos de competitividade burguesa. Destruíram templos, bibliotecas, coleções de arte. Humilharam publicamente, numa espécie de ritual inquisitório, professores, intelectuais e dirigentes partidários. Tudo em nome do ideal revolucionário socialista.

Todos os sacrifícios foram em vão. Os milhões de mortos, os milhares de deportados aos campos de concentração, as crianças retiradas das escolas, os jovens das universidades, não trouxeram nada de concreto ao país, pelo contrário, quase o destruiu. E até hoje, dizem os analistas chineses, que os resquícios da Revolução Cultural ainda fazem sentir seus efeitos repressores na vida social e intelectual chinesa.

A eliminação dos inimigos externos (os imperialistas ocidentais e os invasores japoneses) e internos (Kuomintang) não pôs fim aos conflitos, que

passaram a se travar dentro do Partido Comunista da China.

Devido ao fracasso do Grande Salto Adiante em 1959, Mao foi destituído do cargo de presidente da República e Liu Shaoqi foi escolhido para sucedê-lo. Tsé-Tung, porém, continuou tomando decisões em relação à política externa do país, principalmente no que dizia respeito às críticas à URSS. A partir de então, foram surgindo as primeiras evidências do conflito entre os chineses e os soviéticos.

Já desde 1959, Shaoqi, presidente do país, e os dirigentes partidários favoráveis a uma política econômica mais tradicional, disputavam poder com Mao Tsé-Tung. Em 1971, morre Lin Piao, chefe do exército e grande aliado de Mao. Com isso duas correntes prevaleceram: a dos moderados, liderados por Zhou Enlai e pelo vice-primeiro-ministro Deng Xiaoping e a dos radicais, liderados por Chiang Ching, esposa de Mao, e pelo grupo de Xangai, mais tarde conhecido por “Bando dos Quatro”.

Em setembro de 1976 morre Mao Tsé-tung e novos confrontos ocorrem dentro do partido. Hua Guofeng torna-se primeiro-ministro e passa a governar o país no lugar de Shaoqi. Chiang Ching, viúva de Mao, tenta tomar o poder, juntamente com outros três dirigentes radicais. Em 1980, Chiang Ching, acusada de cometer várias arbitrariedades durante a Revolução Cultural, juntamente com seus colegas, foram acusados e condenados à prisão perpétua.

Deng Xiaoping começa a se projetar politicamente neste período como secretário geral do governo. Aos poucos foi ganhando espaço dentro do partido (PCC) com uma política pragmática.

Socialismo ao Estilo Chinês: o recuo ideológico

O grande mentor de todas as mudanças em prol da abertura e do desenvolvimento econômico foi Deng Xiaoping - um líder atuante dentro do Partido Comunista desde 1924, que sempre se mostrou moderado e pragmático frente ao radicalismo sustentado por Mao, o que lhe causou diversas represálias ao longo de sua história dentro do partido. Xiaoping ao assumir o poder efetuou um processo de modernização na China, adotando uma reforma econômica dirigida, abrindo as portas para as tecnologias e capitais estrangeiros.

Depois da trágica experiência da Revolução Cultural e da morte de Mao, aos poucos, os comunistas seguidores do caminho pragmático, foram assumindo o poder.

“Em vez da “política do posto de comando”, celebrada pela Revolução Cultural, teremos “a política serve à economia”; as fábricas e os campos serão considerados principalmente como unidades de produção e não como espaços onde se desenrola

a luta de classes, a agricultura será subordinada às necessidades dos pólos industriais avançados, a tecnologia sofisticada passará a desempenhar papel decisivo...” (FILHO, Daniel Aarão, 1982, p 95)

Baseado no Programa das Quatro Modernizações (indústria, agricultura, defesa e cultura) a China deu início a uma extraordinária fase de desenvolvimento econômico, só que dessa vez, por um viés sem a utopia igualitária, o que é chamado de Economia Socialista de Mercado, projetando o país no cenário econômico internacional.

A fórmula de um país, dois sistemas (politicamente comunista e economicamente capitalista) desperta muitas indagações e acaba sendo uma das características mais marcantes da China.

A Longa Marcha do Desenvolvimento: a China como potência

Desde o final do século XX, um século após o início da sua crise, a nação chinesa experimenta um desenvolvimento surpreendente que pode transformá-la em uma superpotência mundial. Este fato tem sido, provavelmente, um dos mais repercutidos nos meios de comunicação dos últimos anos.

Enquanto as demais economias enfrentam retração, a China se consolida como uma indústria de farta mão-de-obra disciplinada e barata que fabrica e exporta dia e noite. Empresas de todo o mundo sentem o impacto da China, mesmo que não operem nem mantenham negócios no país, não somente devido a sua mão-de-obra, mas também ao imenso e promissor mercado consumidor que representa.

Recentemente, o país ultrapassou os EUA em investimento estrangeiro com um grande contingente de pessoal produtivo e técnico e de incentivos fiscais para atrair investimentos. Dotada de “zonas econômicas especiais”, instaladas ao longo de sua orla marítima, a China tornou-se uma fenomenal potência exportadora. E passou a liderar a exportação mundial de têxteis e vestuário, calçados, produtos eletrônicos e brinquedos. Seus produtos invadiram o mundo. Quem ganha com isso são as multinacionais que escolhem o país para produzir suas mercadorias aproveitando-se da mão-de-obra barata, repassando ao mercado mundial acrescidos de lucros exorbitantes.

Dados recentes demonstram que o país está ultrapassando a fase de mero produtor de artigos baratos para se tornar também produtor de alta tecnologia. O país vem produzindo componentes computadorizados, a ponto de ter neles o segundo maior item na sua pauta de exportações.

É a China que está a segurar a economia mundial desde a recessão de 2001 nos Estados Unidos.

A dinâmica China representa 25 a 30% do crescimento mundial atual¹. A duras penas a China percebeu que o caminho do desenvolvimento econômico seria outro tipo de revolução, a do conhecimento. O país passou a ser um dos principais investidores mundiais em pesquisa e desenvolvimento em software e educação superior, principalmente nas áreas de ciência, tecnologia e engenharia.

“No ano de 2010, a China vai formar 800.000 (oitocentos mil) engenheiros, matemáticos, técnicos e cientistas”. (Revista Exame, 5 de Julho de 2006, p38)

O país é dotado de indústria aeroespacial, sistema autônomo de mísseis, arsenal nuclear e faz parte¹ do Conselho de Segurança da ONU. Apesar das dificuldades e carências de um país em desenvolvimento, a população, depois de dois séculos de privações e provações, busca os benefícios do desenvolvimento e do mundo moderno.

Em contrapartida, seu modelo político e econômico vem sendo caracterizado como grande violador dos direitos humanos. O seu desenvolvimento vem sendo questionado devido aos seus custos sociais e ambientais e seu potencial militar é apontado como ameaça internacional.

Outro grande problema é que a abertura chinesa não teve contrapartida política, o Partido Comunista é senhor absoluto do poder. Fato mais recente e ilustrativo foi a repressão do movimento estudantil e popular conhecido como o massacre da Praça da Paz Celestial em 1989.

Para conter outras manifestações como esta, o governo chinês tem usado sua mão de ferro, proibindo tudo que venha a contrariar seus interesses. A Google só foi aceita nos país após aceitar as condições do governo em proibir no seu site a busca de determinadas palavras proibidas como: revolução, democracia, direitos humanos.

Para conseguir realizar as mudanças necessárias, o poder optou pela continuidade autoritária, principalmente para defender a sobrevivência do partido que conta com o apoio das forças armadas. Mas também sobreviveu porque encontrou apoio em alguns setores da população urbana de camadas sociais que se beneficiaram com a reforma. Uma classe média e uma nova burguesia, destruída durante o período maoísta, ressurgiram a partir das reformas e se encontram atualmente valorizadas e integradas, enquanto classes, no partido. É isso que sustenta o sistema capitalista chinês - a convivência de privilégios e a obtenção de lucros sob um poder político totalitário.

Conclusão

Analisando a história rumo à libertação e à revolução da China, pode-se constatar que se tratou

de uma das mais conturbadas e ricas experiências da história contemporânea, principalmente no que diz respeito a dinâmica de suas contradições.

O país sobreviveu a frustrante experiência da implantação do comunismo e de sua transição para o capitalismo, chegando ao século XXI como uma das promessas de desenvolvimento para o mundo.

A China está inserida na ordem capitalista globalizada, mas por enquanto é politicamente independente dela. É o que chamam de socialismo da segunda geração ou socialismo ao estilo chinês, isto é, autonomia nacional aliada à abertura de capital estrangeiro.

Tudo começou com a luta contra a “*política de portas abertas*” empregada pelos imperadores que desencadeou as revoluções no país. Contraditoriamente, o que hoje está a fazer com que a China cresça e se desenvolva é justamente a “*política de portas abertas*” que se viu obrigada a empreender no mundo global.

Não se sabe até quando a China irá conseguir manter seus dois sistemas. Ao que tudo indica, o capitalismo será preponderante. O país já dá provas que não consegue manter o ideal socialista de igualdade social e econômica. Os índices de desenvolvimento contrastam com os índices de pobreza que ainda persistem no país.

Referências

- AARÃO FILHO, D. **A construção do socialismo na China**. São Paulo: Brasiliense, 1981.
- CHANG, J. **Cisnes selvagens: as três filhas da China**. São Paulo: Companhia das Letras, 1994.
- GARAUDY, R. **O problema chinês**. Rio de Janeiro: Zahar, 1968.
- REVISTA EXAME. São Paulo: Abril, 871. ed., a. 40, n.13, p. 38-39, 05 jul. 2006.
- _____. São Paulo: Abril, 873. ed., a. 40, n. 15, p. 22-25, 02 ago. 2006.
- SADER, E. **Mao Tsé-tung**. São Paulo: Ática, 1982.
- TAHAN, A. **Reverendo o século XX**. Goiânia: AB, 1999.

Recebido em: 10/12/2006

Aceito em: 05/02/2007